Portugal chama. E transforma bombeiros voluntários em precários

Hugo Filipe Lopes aka Cöbramor · 13.08.2026

ECOLOGIA · POLÍTICA · SOCIEDADE

90% dos bombeiros portugueses são voluntários. Enquanto o país arde e o país investe na profissionalização de imensas áreas, há milhares de pessoas voluntárias a enfrentar as chamas com um elevado custo pessoal e até financeiro.

Toda a Europa arde. E continuará a arder.

Sobretudo o sul, pois essa é a consequência expectável das alterações climáticas que perdem cada vez mais espaço mediático, público e político enquanto o ganham na realidade.

Até dia 13 de Agosto, o total de área ardida em Espanha era de 250.000 ha, superior a 45% de toda a área europeia, em França era superior a 44.000 ha.

Em Portugal, até 31 de Julho, de acordo com o ICNF tinham ardido 53 731 ha, o 3.º pior registo desde 2017 para este período, apesar de a imagem actual ser de pequenos fogos pouco graves e de estarmos numa situação melhor que a de França.

> Enquanto se investe na profissionalização e automação em todas as áreas e também na prevenção e no combate aos incêndios, os bombeiros, principal meio em ambas as vertentes, continuam a desempenhar as suas funções em regime de voluntariado sem existir qualquer discussão honesta.

Enquanto se investe na profissionalização e automação em todas as áreas e também na prevenção e no combate aos incêndios, os bombeiros, principal meio em ambas as vertentes, continuam a desempenhar as suas funções em regime de voluntariado sem existir qualquer discussão honesta.

Aceitando, e perante as evidências é impossível não o fazer, termos já ultrapassado o ponto de não retorno climático, e reconhecendo a inegável crise ambiental - que leva à inevitabilidade no aumento da quantidade e intensidade de fogos rurais e florestais, agravando estes, por sua vez, as condições climatéricas que novamente influem na frequência e potência dos incêndios -, os bombeiros, assim como os médicos no Covid, ganham uma importância estratégica acrescida.

Não obstante, o centro da discussão pública está sempre inquinado, de e para a tecnologia, impondo como motor a necessidade, real, é certo, de meios de combate aéreos, o que retira aos bombeiros o papel fundamental em qualquer estratégia de combate aos incêndios.

> O centro da discussão pública está sempre inquinado, de e para a tecnologia, impondo como motor a necessidade, real, é certo, de meios de combate aéreos, o que retira aos bombeiros o papel fundamental em qualquer estratégia de combate aos incêndios.

Nascido do associativismo após o terramoto de 1755 para responder à necessidade de socorro, o que outrora foi um acto comunitário demonstrativo do poder popular solucionador de problemas mais eficaz do que as instituições, o cariz voluntário dos bombeiros há muito se transformou em precariedade acolhida como inerente à sua condição, remetendo-os para uma zona invisível, algures entre os imigrantes e as figuras religiosas da abnegação.

A lógica da sua existência não está muito distante da do Banco Alimentar, subordinada a voluntários para colmatar o que é, não apenas uma falha basilar do Estado – qualquer Estado –, mas também um sintoma da sua adesão às estratégias corporativistas da servidão, com a agravante, no caso dos bombeiros, de não ser apenas um trabalho de risco mas também de elevado impacto emocional e psicológico.

É impossível não assinalar a dupla ironia na condição de existência fantasma dos bombeiros, como uma versão proletária do Algarve, cujo reconhecimento surge associado a picos de necessidade ou desejo.

> É impossível não assinalar a dupla ironia na condição de existência fantasma dos bombeiros, como uma versão proletária do Algarve, cujo reconhecimento surge associado a picos de necessidade ou desejo.

90% dos bombeiros portugueses são voluntários, com um elevado custo pessoal e até financeiro, quando cada esfera da vida, desde as redes sociais até aos tecnocratas, é empurrada, já não para a profissionalização, mas para uma ultraespecialização forjada em labirintos burocráticos densos e no desenvolvimento de um jargão técnico para criar um fosso entre os técnicos e o cidadão comum.

Sendo a subsídio-dependência a pedra de toque na crítica-fetiche invertida de uma marxização cultural inexistente, toda a nossa sociedade infantotecnológica está dependente de uma forma de associativismo do séc. XIX, totalmente centrada em seres humanos, sem os quais nenhuma IA ou desenvolvimento científico será eficaz na salvaguarda do património natural, pessoal, público e de segurança, motivo frequentemente invocado para políticas castradoras dos direitos humanos, mas que nunca servem para a sua solidificação.

Intrincadamente anexada ao consentimento da precariedade nos bombeiros como incontornável fatalidade está a forma como as alterações climáticas são apresentadas, enquanto inescapável preço a pagar por uma democracia liberal, onde a primeira está sequestrada pela vertente económica da segunda, não existindo nada além disso.

> Intrincadamente anexada ao consentimento da precariedade nos bombeiros como incontornável fatalidade está a forma como as alterações climáticas são apresentadas, enquanto inescapável preço a

> pagar por uma democracia liberal, onde a primeira está sequestrada pela vertente económica da segunda, não existindo nada além disso.

Assim, inocenta-se o garrote do mercado relativamente ao pilar da defesa que são os bombeiros, num cenário de devastação ambiental semelhante ao da guerra.

Para a segunda, consideramos o sacrifício dos 5% do PIB, golpe mortal no estado social, e o regresso do serviço militar obrigatório. Para a primeira, nem uma contrição.

Assim, não só erradicamos do discurso qualquer gesto no sentido de atrasar a destruição do planeta, como também a apressamos através da intensificação das crises artificiais que nos colocam cada vez mais sob a dependência de combustíveis fósseis e intervenções bélicas para defender uma segurança que já só existe na nossa imaginação.

Progressistas — https://progressistas.pt/artigo/portugal-chama-e-transforma-bombeiros-voluntarios-em-precarios